

APRESENTAÇÃO

As múltiplas formas de narrar a escola

Nilda Alves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Em nosso campo da educação, como aliás em todos os campos científicos, duas são as posições que se confrontam nas questões teórico-epistemológicas e teórico-metodológicas.

De um lado estão os que entendem que só é possível criar conhecimentos e significações em ciência com o domínio maior possível de uma determinada posição teórica. Só depois disto é possível iniciar o trabalho de pesquisa prática na busca de algum conhecimento novo. Esse modo de pensar, assim, exige a estabilidade dos conhecimentos teóricos para se ir à prática buscar – em geral a palavra usada é ‘descobrir’ – novos conhecimentos. Essa foi a maneira através da qual se desenvolveu, de modo dominante, a ciência no mundo ocidental, e continua a ser o modo hegemônico em algumas áreas, como a Biologia. Há, assim, uma teoria que precisa ser reconhecida e conhecida, inteiramente, para que depois ‘continuemos’ a fazer a ciência ‘necessária’.

A segunda posição, a que nos filiamos a partir de nossas pesquisas *nos/dos/com os cotidianos*, indica que o domínio indispensável de teorias – no plural – precisa ser o tempo todo acompanhado, por um lado, da compreensão de seus limites e, portanto, da compreensão de sua sempre precária situação de conhecimento necessário, e, por outro lado, dos necessários diálogos com os praticantes dos *espaçotempos*¹ em suas as práticas sociais nas tantas *redes educativas cotidianas* em que vivem e nas narrativas que produzem sobre suas ações nelas – tanto imagéticas, como em sons diversos, como nas tantas formas de escrever e falar que sabem e usam. Só assim, nós os pesquisadores e pesquisadoras podemos tecer os conhecimentos necessários à compreensão dos tantos cotidianos vividos, com suas tantas ações sempre/nunca repetidas.

Dessa maneira, essas tantas *narrativas* – imagens, sons, textos etc – mais do que fontes ou recursos metodológicos nas *pesquisas nos/dos/com os cotidianos* são *personagens conceituais* tal como os entendia Deleuze, ao dizer que *os personagens conceituais são os ‘heterônimos’ do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo dos seus personagens*. Sousa Dias (1995) ajuda a entender isto ao explicar que ‘*os personagens*

conceituais' (...) designam (...) elementos íntimos da atividade filosófica, condições dessa atividade, os "intercessores" do pensador, as figuras ideais de intercessão sem as quais não há pensamento, filosofia, criação de conceitos (p.61-62).

Para ajudar na compreensão de tudo isto, propusemos aos editores de Currículo sem Fronteiras o dossiê que aqui apresentamos. Ele é composto de artigos de pesquisadores que, em diversas instituições, vêm tecendo esse campo de pesquisas e por um artigo que por ser pioneiro, na América Latina e em nosso país, e se encontrar esgotado há muito, entendemos ser importante publicá-lo. Este artigo é o que vem em último lugar, no dossiê: *A escola: relato de um processo inacabado de construção*, de Elsie Rockwell e Justa Ezpeleta, pesquisadoras no México. Convidadas para um seminário organizado pela Fundação Carlos Chagas de S. Paulo, trouxeram esse texto que fez um incrível sucesso quando de sua publicação, em 1983, em um pequeno livro pela Cortez, com um título pouco apropriado de "Pesquisa participante". Os outros textos, todos de pesquisadores *nos/dos/com os cotidianos*, buscam apresentar, em sua diversidade de temas, metodologias e soluções de escrita esse universo tão complexo, ainda tão pouco conhecido, embora tão desconsiderado por alguns, que é o das *redes educativas cotidianas*: as redes das relações dos jovens com a cultura e o currículo, no texto escrito por Aldo Victorio Filho e Aristóteles Berino; as redes das escolas com suas relações na questão da avaliação como parte dos currículos, no texto escrito por Paulo Sgarbi; as redes da produção cotidiana de um programa de televisão ou de um projeto sobre sambistas na baixada ou de uso do artefato tecnológico televisão/vídeo por professores, com expresso no texto escrito por Maja Vargas, Valter Filé e Nilda Alves; as redes das relações entre docentes, estudantes e conteúdos didáticos em sua variedade e possibilidades, no artigo que Jean Houssaye escreveu, discutindo mais uma vez o seu 'triângulo pedagógico', em torno do prazer nos processos curriculares; as redes das práticas de professoras na busca da história da pessoa que deu nome à escola em que trabalham, no texto escrito por Carlos Eduardo Ferraço; as redes de relações entre culturas e conhecimentos nos terreiros de candomblé em torno da figura aglutinadora de Mãe Beata, na Baixada Fluminense, como escrevem Mailsa Passos e Stela Guedes Caputo; e as redes dos cotidianos de grupos que pesquisam, há muito, *nos/dos/com os cotidianos*, na entrevista feita por Inês Barbosa de Oliveira com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia.

Creio que todos esses textos vão ajudar a compreender melhor os caminhos teórico-epistemológico-metodológicos seguidos pelos diferentes pesquisadores e pesquisadoras na criação de possibilidades para melhor compreender e tornar conhecidos essas redes educativas em que estamos mergulhados, nas quais nos fazemos seres humanos, buscando resolver, juntos, os complicados problemas que a História nos coloca.

Creio ser possível ver, ainda, que se na vida não é 'tudo sempre igual', mesmo que durante séculos, nos quisessem fazer acreditar nisso, a busca humana de felicidade é comum, o que nos indica possibilidades de entendimentos.

Esperamos os comentários e as críticas, nos colocando à disposição para os diálogos necessários.

Notas

¹ Temos adotado esse modo de escrever para uma série de termos que nos foram dados a aprender como 'dicotomizados', no sentido de marcar nossos limites de formação e a necessidade de superá-los, permanentemente.

Correspondência

Nilda Alves, Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: nilda.alves@pq.cnpq.br

Sítio: www.lab-eduimagem.pro.br

Texto publicado em *Curriculo sem Fronteiras* com autorização da autora.
